



**Vivências Pedagógicas e Profissionais no Apoio a Discente com TEA:
Adaptações, Práticas Docentes e Formação Profissional no
Ensino Fundamental I – Um Relato de Experiência**

Wellington Rodrigues¹
Suelen Jamberg Bonamichi²
Yasmin Beatriz Pereira Santana³

RESUMO

Este relato descreve a experiência como professor de apoio na inclusão de um discente com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental I, em Inconfidentes, Minas Gerais, durante o ano de 2024. O objetivo foi adaptar as práticas pedagógicas para atender às necessidades do discente, utilizando materiais manipulativos, jogos interativos e atividades adaptadas, além de uma rotina estruturada que facilitasse sua adaptação ao ambiente escolar. As metodologias adotadas foram práticas adaptativas com base nos pensamentos teóricos de Mantoan (2002), Mazzotta (2005), Moura; Viana (2015) e Stainback e Stainback (1999) que envolveram ajustes nas atividades diárias, acompanhamento constante do comportamento do discente e participação ativa da família. Os resultados mostraram progressos graduais no discente, como o aumento da participação nas atividades, o desenvolvimento de habilidades verbais e o interesse crescente pela leitura e escrita. Embora o discente tenha apresentado dificuldades, como rotina, resistência à escrita e crises emocionais, houve evolução significativa na interação com os colegas e professores. A colaboração com a família foi essencial para esses avanços, com o acompanhamento médico e estratégias pedagógicas conjuntas. O trabalho também evidenciou a importância da capacitação contínua dos educadores, destacando que a inclusão de discentes com TEA exige não só a adaptação do currículo, mas práticas pedagógicas que considerem as especificidades de cada discente, respeitando seu ritmo de aprendizagem. A experiência reforçou a importância da educação inclusiva como um direito fundamental e a necessidade de formação constante para os profissionais da educação.

PALAVRAS CHAVE: Inclusão Escolar; Transtorno do Espectro Autista; Práticas Pedagógicas; Educação Inclusiva; Formação de Professores

1 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, wellingtonguimaraesrodrigues@gmail.com
2 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, suelen.pires@educacao.mg.gov.br
3 Mestranda do curso PPGE - UFLA, yasminbepesantana@gmail.com;



INTRODUÇÃO

Este registro de prática docente visa analisar a atuação do professor de apoio na educação de um discente com TEA, destacando os desafios enfrentados, as práticas pedagógicas desenvolvidas e a adequação da formação docente às demandas desse público. A experiência foi conduzida ao longo do ano letivo de 2024, em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental I, em uma escola municipal localizada no município de Inconfidentes, Minas Gerais.

A inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais tem se consolidado como um tema central no cenário educacional brasileiro, impulsionado por políticas públicas e pelo aumento das matrículas na educação especial. De acordo com o Censo Escolar de 2023, realizado pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Brasil registra 1,7 milhões de matrículas na educação especial, das quais 35,9% correspondem a estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse crescimento demanda a transformação do conceito de inclusão em uma prática efetiva, assegurando uma educação equitativa e de qualidade para todos.

A implementação de práticas inclusivas exige a adaptação do ambiente escolar e a qualificação constante dos docentes para atender às necessidades específicas de discentes com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O discente em questão apresentou inteligência verbal, dificuldades na escrita, seletividade alimentar e comportamento carinhoso, mas com episódios de agressividade em crises. A principal meta foi consolidar uma rotina estruturada para facilitar a adaptação escolar.

A experiência pedagógica incluiu estratégias como materiais manipulativos, jogos interativos, atividades adaptadas e leituras contextualizadas, visando um aprendizado significativo e o desenvolvimento social. Embora o profissional tenha formação em Pedagogia, Artes Visuais e Educação Especial Inclusiva, a falta de capacitação específica para o TEA ressaltou a importância do aperfeiçoamento contínuo. Essa vivência destacou a necessidade de práticas pedagógicas alinhadas às necessidades individuais, promovendo a inclusão escolar e apontando reflexões para fortalecer as políticas e práticas de educação inclusiva no Brasil.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada baseou-se em práticas adaptativas que incluíram atividades lúdicas e concretas, ajustadas do 2º ano para atender ao nível do 1º ano, promovendo a aprendizagem do discente com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foram utilizados jogos de memória e cartões com figuras e palavras, como a associação entre a figura de um gato e a

1 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, wellingtonguimaraesrodrigues@gmail.com
2 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, suelen.pires@educacao.mg.gov.br
3 Mestranda do curso PPGE - UFLA, yasminbepesantana@gmail.com;



palavra "gato". Também foram realizadas atividades como jogos de quebra-cabeças silábicos, nos quais o discente montava palavras a partir de sílabas, além de jogos de caça ao número e dominó, com números espalhados pela sala para estimular a identificação e associação numérica.

Outras estratégias incluíram a criação de histórias curtas e simples com o uso de figuras, pedindo ao discente para identificar palavras-chave, e atividades sensoriais, como a escrita de palavras em areia, massinha ou superfícies táteis, promovendo o engajamento por meio de estímulos variados. Em ciências, o aprendizado foi integrado a vivências práticas, como passeios pelo jardim para observar plantas reais. Complementarmente, o discente participou de uma atividade de supervisão, montando uma planta com recortes de papel (raiz, caule, folhas e flores) e identificando suas partes e também com partes das árvores que tem no parque..

Para trabalhar noções temporais, foi criada uma linha do tempo personalizada com fotos ou desenhos de momentos do cotidiano do discente, como "acordar", "ir à escola" e "brincar", promovendo a compreensão de conceitos de passado, presente e futuro. Todas essas atividades foram realizadas em um contexto de rotina estruturada, com o uso de materiais manipulativos e adaptações que respeitam as especificidades do discente, garantindo o desenvolvimento integral.

Embora a formação em Pedagogia e a especialização em Educação Especial e Inclusiva tenham sido fundamentais para o planejamento das disciplinas, a ausência de capacitação específica para o atendimento de discentes com TEA evidenciou a necessidade de maior preparação docente. Fundamentada nos princípios de Mantoan (2002) e Stainback e Stainback (1999), a prática demonstrada é que a inclusão vai além da mera presença do discente na escola, exigindo uma adaptação do currículo para valorizar as diversidades. A experiência reforçou a importância da formação continuada e da valorização dos profissionais da educação, elementos indispensáveis para garantir uma educação verdadeiramente inclusiva.

REFERENCIAL TEÓRICO

A contemporaneidade é marcada pela evolução tecnológica, que impacta significativamente os processos de comunicação e aprendizagem, destacando a relevância do processo de inclusão e formação de educadores para a educação especial e inclusiva. Pesquisas acadêmicas enfatizam a importância do acolhimento no processo de inclusão e da capacitação contínua dos profissionais, visando aprimorar práticas pedagógicas e concretizar uma educação inclusiva de qualidade (SANTOS; FALCÃO, 2020; ROSA, 2018; MOURA; VIANA, 2015; MANTOAN,

1 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, wellingtonguimaraesrodrigues@gmail.com

2 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, suelen.pires@educacao.mg.gov.br

3 Mestranda do curso PPGE - UFLA, yasminbepesantana@gmail.com;



2002; STAINBACK E STAINBACK 1999 e entre outros).

A partir da Conferência de Salamanca (1994), a inclusão educacional ganhou destaque global com o princípio da "Educação para Todos", reforçado no Brasil por marcos legais como a Constituição Federal de 1988, a LDB de 1996 e o Estatuto da Pessoa com Deficiência de 2015. Esses documentos asseguram direitos à educação especializada e orientam a acessibilidade nas instituições educacionais.

Mazzotta (2005) enfatiza que a inclusão exige políticas educacionais específicas e um olhar especializado para assegurar o direito à educação de pessoas com deficiência. O referencial teórico abrange aspectos históricos, legais, pedagógicos e culturais, destacando a importância da formação docente e da implementação de políticas públicas inclusivas. Esses elementos são essenciais para construir uma escola que respeite as singularidades dos estudantes e favoreça seu desenvolvimento integral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já é de praxe no início do ano letivo todos os discentes, têm as primeiras semanas de adaptação com os colegas e professores ao ambiente escolar. O período de adaptação do discente ao ambiente escolar e com professor de apoio e professora regente foi um processo longo, exigindo personalidade, estratégias variadas e uma boa dose de perseverança, pois o discente já com suas necessidades especiais encontrava-se com alguns comportamentos fora da rotina. Por mais que o discente trouxesse consigo uma rotina anterior, onde a liberdade de caminhar por toda a escola e passar o tempo na sala de AEE fazia parte do seu dia a dia, esse histórico tornava o processo de adaptação ainda mais intenso, pois ele não aceitava facilmente às novas demandas da sala de aula regular e demonstrava sua insatisfação por meio de crises frequentes e resistências. A cada nova tentativa de introduzir atividades adaptadas que o motivasse, surgiam desafios – especialmente nas atividades adaptadas para o desenvolvimento da escrita, que ele evitava ao máximo. Partindo da ideia de (PESSIM, HAFNER, 2011; DRUMMOND 2013) procuramos organizar o ambiente físico com a utilização de rotinas estruturadas em um painel e agenda com a rotina de como seria cada dia da semana. Sendo este conforme afirmam os autores um sistema de trabalho que facilitava a adaptação cotidiana da vida do discente.

A criação de uma rotina estruturada, com atividades diárias diversificadas, como o dia da educação física, do desenho, de brincadeiras e da informática, foi fundamental para o

1 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, wellingtonguimaraesrodrigues@gmail.com

2 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, suelen.pires@educacao.mg.gov.br

3 Mestranda do curso PPGE - UFLA, yasminbepesantana@gmail.com;



desenvolvimento do discente, embora marcadamente por desafios como resistências e crises emocionais. Estratégias como a introdução de recompensas temáticas, inspiradas no universo Pokémon, ajudaram a criar um vínculo positivo e aumentar sua receptividade. Apesar de momentos de desgaste e desmotivação, a verdade no impacto transformador do trabalho e no potencial do discente manteve nós educadores firmes na jornada educativa, focada em seu desenvolvimento integral.

Com o passar dos dias e sua adequação à rotina, o discente apresentou avanços, como o interesse pelo reconhecimento de sílabas, o desenvolvimento de habilidades verbais e uma compreensão gradual de novos conceitos. Embora a escrita em letra consistente ainda fosse limitada, esse aspecto representava um progresso importante. Com maior adaptação à rotina, o discente mostrou-se mais seguro e cooperativo, participando das atividades com envolvimento crescente. Sua comunicação destacou-se, facilitando a interação social e o vínculo com colegas e professores, embora ainda prefira verbalizar suas ideias em vez de escrevê-las. As atividades realizadas foram cuidadosamente planejadas para promover uma aprendizagem significativa e atender às necessidades específicas do discente com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), utilizando práticas lúdicas e concretas. Os jogos de memória e cartões com figuras e palavras, como a associação entre a imagem de um gato e a palavra "gato", foram introduzidos para desenvolver habilidades de reconhecimento visual e fonológico. O discente demonstrou grande interesse nessas atividades, demonstrando entusiasmo ao encontrar os pares corretos, embora em alguns dias apresentasse resistência em iniciar a tarefa.

Os jogos de quebra-cabeças silábicos, que permitiam a montagem de palavras a partir de sílabas, também se mostraram uma estratégia eficaz para engajar o discente, pois ele adorava montar as palavras e se sentia motivado quando completava uma sequência. Os jogos de caça ao número e dominó, com números espalhados pela sala, estimulavam a associação e identificação numérica. O discente apreciava o caráter investigativo dessas atividades e demonstrava alegria ao localizar os números, mas em dias mais sensíveis, apresentava certa relutância em participar.

A criação de histórias curtas e simples ilustradas com figuras, na qual o discente identificava palavras-chave, era uma das atividades que ele mais apreciava, pois podia interagir com as suas imagens e compartilhar interpretações. As atividades sensoriais, como a escrita em areia, massinha e superfícies táteis, também tiveram grandes facilidades, proporcionando uma experiência divertida e criativa. Em alguns momentos, no entanto, o discente demonstrou



resistência a essas tarefas, especialmente quando estava em dias de maior sensibilidade ou cansaço. Nesses momentos, buscamos realizar atividades que costumavam ficar em segundo plano, como uma “carta na manga”. Propúnhamos brincadeiras, passeios pela escola, visitas à biblioteca ou a outras salas, e atividades lúdicas, como jogar o dado e caminhar sobre o alfabeto a leitura de um livro e em seguida retornamos a proposta do dia.

No campo das ciências, os passeios pelo jardim para observar plantas reais despertaram o interesse do discente, que gostava de explorar o ambiente e fazer descobertas. Ele também se envolveu na atividade de montar uma planta com recortes de papel e partes naturais coletadas no parque, demonstrando alegria ao identificar raiz, caule, folhas e flores, apesar de, em alguns momentos, precisar de incentivo adicional para completar a tarefa.

Para trabalhar noções temporais, foi criada uma linha do tempo personalizada com fotos ou desenhos de momentos do cotidiano, como "acordar", "ir à escola" e "brincar". Essa atividade se tornou uma das preferidas do discente, que gostava de conversar sobre os eventos representados, embora em dias de menor concentração fosse necessário direcioná-lo para manter o foco. Apesar das resistências pontuais, o discente se adaptou bem à maioria das atividades, demonstrando progresso significativo em suas habilidades e engajamento. A abordagem lúdica e a rotina estruturada desenvolvida para que ele se sinta mais seguro e motivado, fortalecendo seu desenvolvimento integral.

O discente apresentou um progresso notável, especialmente em leitura, alcançando a capacidade de decifrar palavras e textos curtos, o que representou uma grande conquista em relação ao início do semestre. Em matemática, apesar das dificuldades persistirem, ele já consegue escrever números até 100 e, com apoio, realizar comparações básicas de quantidade. O processo de aprendizagem é mais lento, mas cada avanço é significativo. Segundo Nunes (2008), crianças com autismo geralmente enfrentam dificuldades na utilização adequada das palavras, mas com um programa intensivo de ensino, há melhorias nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e aprendizagem. O processo exige muito esforço, dedicação e paciência tanto da família quanto dos educadores. É fundamental que as pessoas afetadas pelo autismo tenham acesso a informações confiáveis sobre métodos educacionais que atendam às suas necessidades individuais, para que possam se desenvolver de forma mais eficaz.

Esses resultados, embora graduais, revelam-se extremamente gratificantes. O discente, que anteriormente não compreendia as sílabas ou lia pequenas frases, agora se arrisca na leitura



e na escrita, ainda que dentro de suas limitações. Sua trajetória de evolução, marcada por erros e acertos, reforça a relevância do papel desempenhado em sua vida escolar. A sensação de missão cumprida consolida-se progressivamente, pois, mesmo sem atingir plenamente os requisitos do segundo ano, ele avançou de forma significativa em relação ao ponto de partida. Essa experiência demonstra que, com estratégias adaptadas, paciência e empatia, é possível promover mudanças positivas e afetivas na trajetória escolar de um discente com autismo, preparando-o para enfrentar desafios maiores no futuro. Conforme afirmam Stainback e Stainback (1999), o ensino inclusivo refere-se à prática de integrar todos os discentes independentemente de suas habilidades, deficiências, situação socioeconômica ou cultural em escolas e salas de aula acolhedoras, que atendam plenamente às necessidades de cada indivíduo.

O relacionamento entre a família e a escola sempre foi positivo e essencial para o desenvolvimento do discente. A família, constantemente presente e demonstrando afeto e compromisso, comparecia à escola sempre que solicitada, criando uma base de apoio mútuo entre a instituição e os familiares. Essa relação próxima se mostrou muito frutífera para o progresso do discente.

Durante o primeiro semestre, participamos de diversas reuniões com a família para discutir as dificuldades observadas e alinhar estratégias que também foram aperfeiçoadas em casa, buscando maior consistência no processo de adaptação e aprendizagem. A literatura destaca a importância e a contribuição da família para o sucesso escolar das crianças (DESSEM, POLÔNIA, 2007), especialmente no contexto da inclusão. Nesse encontro, foi concluído, em conjunto, que, considerando a idade do discente, seria importante buscar um novo atendimento médico especializado. Foi decidido agendar uma nova avaliação médica, considerando que, no Brasil, não há uma legislação federal que exija consultas periódicas semestrais com um neurologista para pessoas autistas.

No entanto, a Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, estabelece a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, garantindo o direito ao diagnóstico precoce e acompanhamento ao integral, o que inclui acesso a especialistas de diversas áreas, como neurologistas e psicólogos. Após essa consulta, a médica ajustou alguns medicamentos, o que trouxe melhorias significativas para o discente, refletindo positivamente em seu comportamento e desempenho.

Observou-se que a dedicação da família e seu compromisso em compreender e apoiar as necessidades que fossem fundamentais, especialmente considerando o histórico familiar um



pouco conturbado. Sua decisão de investir no bem-estar do discente trouxe benefícios que se refletiram diretamente em sua evolução, fortalecendo uma parceria entre família e escola que continua a ser indispensável para o sucesso do processo de inclusão.

A experiência como professor é, sem dúvida, um território fértil para desafios e resultados, especialmente no contexto da educação inclusiva. Libâneo (2004), em sua contribuição para o pensamento pedagógico, reforça a necessidade de uma prática docente que vá além da simples transmissão de conteúdo, incorporando estratégias inclusivas, o uso colaborativo de tecnologias digitais e a adaptação de atividades.

A educação inclusiva, ao contrário de um manual de instruções, exige flexibilidade, criatividade e formação contínua. Libâneo (2004) destaca a importância de que o professor ser um eterno aprendiz, e isso não poderia ser mais verdadeiro. Cada discente, especialmente aqueles com TEA, requer uma abordagem única, que só se desenvolve com paciência, empatia e muito estudo. Portanto, os primeiros meses foram marcados por noites mergulhadas em leituras, participações em cursos e, claro, trocas de experiências com outros educadores. Esses diálogos foram verdadeiros tesouros, onde descobriu que ninguém tem todas as respostas, mas todos têm algo a ensinar. Libâneo (2002, p.26) contribui definindo educação como: “[...] fenômeno plurifacetado, ocorrendo em muitos lugares, institucionalizado ou não, sob várias modalidades”.

Além disso, o cotidiano escolar revelou que a docência não é estática, mas sim uma dança dinâmica e imprevisível. Alguns dias, ele se sente como Fred Astaire, outros, mais como alguém tropeçando ao som de um samba mal executado. Cada manhã traz uma nova expectativa e aprendizado, para ambos os lados. Vasconcelos (2008) reflete sobre a organização curricular inclusiva, destacando o compromisso com a educação para todos. Ele enfatiza a importância de desenvolver conteúdos que dialoguem com a realidade do discente, promovendo uma visão significativa do mundo a partir de sua perspectiva. Essa abordagem reforça a ideia de que ensinar é, inevitavelmente, também um processo de aprendizagem mútuo. No contexto da educação inclusiva, essa troca se torna ainda mais evidente e essencial, pois cada interação é uma oportunidade de ampliar horizontes e construir conhecimentos compartilhados.

Segundo Hedero (2010), adaptações curriculares oferecem possibilidades educacionais que atendem às demandas específicas de aprendizagem dos discentes, moldando-se às suas particularidades sem criar um novo currículo, mas garantindo um processo pedagógico significativo e eficaz. Planejadas de forma inovadora, essas adaptações promovem uma



organização eficiente e alinhada a práticas inclusivas, reforçando a importância de um currículo flexível que valorize as necessidades individuais de cada aluno.

A inclusão escolar, segundo Braun e Marin (2016), exige mudanças na estrutura educacional, abrangendo tempo, espaço, currículo e concepções pedagógicas para garantir práticas equânimes. Caimi e Luz (2018) afirmam que as práticas pedagógicas dos professores são fundamentais no processo inclusivo, mas não são responsabilidade exclusiva deles. Atividades como *Descobrimos Sílabas* e *Lendo com o Toque* utilizam recursos digitais e táteis para estimular habilidades fonológicas e matemáticas em alunos com TEA. Mantoan (2003) defende que a escola inclusiva deve se adaptar para promover uma educação sem preconceitos, respeitando as diversidades e atendendo a todos os alunos, com ou sem deficiência.

As práticas inclusivas enfrentam desafios devido à falta de valorização dos profissionais de apoio aos discentes atípicos. Apesar dos avanços na educação e das políticas de inclusão, a formação de professores para a Educação Especial Inclusiva ainda precisa de melhorias. Santos e Falcão (2020) defendem que os professores devem ser qualificados e contar com apoio especializado. Rosa (2018) enfatiza a necessidade de capacitação contínua, enquanto Moura e Viana (2015) destacam que a resolução dos problemas educacionais também depende de planos de carreira e salários adequados. A formação docente deve ir além da atualização pedagógica, promovendo práticas transformadoras e reconhecendo o professor como em constante evolução profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a atuação enquanto professor de apoio foi essencial para consolidar estratégias inclusivas que atendessem às especificidades do discente com TEA, como a implementação de uma rotina estruturada, o uso de recompensas lúdicas e materiais adaptados. Essas práticas permitiram avanços inovadores, ainda que desafiadores, no processo de inclusão, tanto no aspecto acadêmico quanto no social.

A vivência na prática reforçou a importância de estar em constante aprendizado, buscando formação continuada e trocando experiências com outros profissionais. Apesar das dificuldades, o compromisso com o desenvolvimento do discente demonstrou que o esforço conjunto entre escola, família e educador pode gerar mudanças positivas. Essa vivência também reafirmou a necessidade de valorizar o papel do professor no contexto inclusivo e de ampliar recursos para que o trabalho seja ainda mais eficaz.

Por fim, a experiência revelou a necessidade de novas pesquisas no campo da inclusão

1 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, wellingtonguimaraesrodrigues@gmail.com

2 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, suelen.pires@educacao.mg.gov.br

3 Mestranda do curso PPGE - UFLA, yasminbepesantana@gmail.com;



escolar, especialmente em relação às práticas inovadoras e ao uso de tecnologias assistivas que possam potencializar o aprendizado de discentes com TEA. Essa reflexão amplia o impacto do trabalho, permitindo contribuir tanto para o meio científico quanto para a transformação do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 31 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: jan. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 31 out. 2024.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Matrículas na educação especial chegam a mais de 1,7 milhão. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/um/noticias/c-escolar/matricial-n-educacao-especial-chegam-a-mais-de-1-7-mil>. Acesso em 03 de dezembro de 2024.

CAIMI, F. E.; LUZ, R. N. Inclusão no contexto escolar: estado do conhecimento, práticas e proposições. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 62, p. 665-682, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/29202>. Acesso em: 27 out. 2024.

DESSEN, M. A.; POLÓNIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, 2007.

DRUMMOND, C. P. **Autismo Hoje e Psicanálise Lacaniana**. São Paulo: Ed. Treze, 2013.

FERREIRA, J.R. Políticas públicas e universidades: uma avaliação dos dez anos da declaração de Salamanca. In: OMOTE, S. **Inclusão: intenção e realidade**. Marília: Fundepe, 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

1 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, wellingtonguimaraesrodrigues@gmail.com
2 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, suelen.pires@educacao.mg.gov.br
3 Mestranda do curso PPGE - UFLA, yasminbepesantana@gmail.com;



ISSN: 2358-8829



LIBÂNEO, J. C. **Os significados da educação, modalidades de prática educativa e a organização do sistema educacional. Pedagogia e pedagogos para quê?** São Paulo: 5. ed., Cortez, 2002.

MANTOAN, M. T. Produção de conhecimentos para a abertura das escolas às diferenças: a contribuição do LEPED. In: ROSA, D. et al. (org). **Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 79-93.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2003.

MAZZOTTA, M.J.S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas.** 5ª Ed. São Paulo. Cortez, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Secretaria de Educação Especial. Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais.** Brasília, 1994. Disponível em:

<https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 30 set. 2025.

MOURA, E.J.S; VIANA, C.M.Q.Q. Iniciação à docência: contornos e implicações de uma política de formação de professores. In: FARIAS, IMS; JARDILINO, JRL; SILVESTRE, MA **Aprender a ser professor: aportes de pesquisa sobre o PIBID .** Jundiai.

NUNES, D. C. S. **O pedagogo na educação da criança autista.** Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/4113/1/O-pedagogo-Na-Educacao-DaCriancaAutista/pagina1.html>>. Acesso em: 06 de abril de 2021.

ROSA, M. G. O. Políticas inclusivas para formação docente: desafios possíveis? In: LOSS, A. S.; VAIN, P. D. (org.). **Ensino Superior e Inclusão: palavras, pesquisas e reflexões entre movimentos internacionais.** Curitiba: CRV, 2018.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores.** Porto Alegre: Ed. Artmed, 1999.

SANTOS, G. C. S. FALCÃO, G. M. B.. Formação de professores e inclusão escolar: uma tarefa em construção. In: **Educação Especial e Formação de Professores – Contribuições Teóricas e Práticas .** 1. Edição. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=tParaKEAAA>. Acesso em 08 de novembro de 2024.

PESSIM, L. E.; HAFNER, M. B. **Revista Eletrônica Científica.** 2011.

BRAUN, P.; MARIN, M. Ensino colaborativo: uma possibilidade do Atendimento Educacional Especializado. **Revista Linhas.** Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 193-215, set./dez. 2016.

1 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, wellingtonguimaraesrodrigues@gmail.com
2 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, suelen.pires@educacao.mg.gov.br
3 Mestranda do curso PPGE - UFLA, yasminbepesantana@gmail.com;



ISSN: 2358-8829



HEREDERO, E. S. A escola inclusiva e estratégias para fazer frente a ela: as adaptações curriculares. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 32, n. 2, p. 193-208, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/9772/9772>. Acesso em: 30 mar. 2025.

VASCONCELOS, C dos S. **Planejamento**: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 18 ed. São Paulo: Libertad, 2008.

1 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, wellingtonguimaraesrodrigues@gmail.com
2 Professor da Rede Municipal de Educação - Inconfidentes MG, suelen.pires@educacao.mg.gov.br
3 Mestranda do curso PPGE - UFLA, yasminbepesantana@gmail.com;